

Matarezio Filho, Edson Tosta.
2019. *A festa da moça nova: Ritual*
de iniciação feminina dos índios
***Ticuna*. São Paulo: Humanitas/
FAPESP. 464 p.**

Esmael Alves de Oliveira

Professor da Faculdade de Ciências Humanas da
Universidade Federal da Grande Dourados e Doutor em
Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa
Catarina. E-mail: esmael_oliveira@live.com

Resumo

Resenha do livro *A festa da moça nova: Ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna* de Edson Tosta Matarezio Filho.

Palavras-chave: Ritual; Ticuna; Moça Nova; Corpo.

Abstract

Book review *A festa da moça nova: Ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna* by Edson Tosta Matarezio Filho.

Keywords: Ritual; Ticuna; Moça Nova; Body.

Resultado de um trabalho de campo realizado ao longo de cinco meses, entre os anos de 2012 e 2014, junto ao povo Ticuna, que deu origem a uma tese de doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo - USP, *A Festa da Moça Nova* (2019) é um convite para uma compreensão ampliada da noção de ritual. Mas restringir a obra a tal discussão seria minorar sua importância e escopo.

Nesse sentido, ao longo de seus sete capítulos, mais a conclusão, somos convidados a percorrer não apenas a festa em si, mas também temas como “organização social, parentesco, mitologia, xamanismo, cosmologia, música, organologia etc dos Ticuna” (: 26). Assim, num movimento de “invenção criativa” inspirado em Roy Wagner (2012), o autor compõe um grande mosaico em que cantos (cap. 1), mitos (cap. 2), instrumentos musicais (cap. 3), convidados-personagens (cap. 4), organização social e parentesco (cap. 5), reclusão, sangue e pessoa (cap. 6) e iniciação feminina (cap. 7) ajudam a compor a *mise-en-scène* da festa.

A Festa da Moça Nova se apresenta como um dos rituais mais importantes para os Ticuna e consiste na forma como o grupo significa a passagem da “menina” para a fase adulta. Nesse contexto simbólico-ritual, a menarca é entendida e significada pelo grupo como o sinal de que ela está preparada para o casamento. A fim de que possa gozar do novo estatuto, a neófito passará por um complexo ritual composto de uma série de tabus e provações que a ajudará a produzir seu novo corpo-condição. Não por acaso afirma Matarezio Filho: “estamos diante de uma teoria ameríndia da maturidade” (: 424).

Sem a intenção de esgotar a riqueza da obra, bem como os diferentes temas e questões que emergem a partir de sua leitura, para fins de análise e apresentação, e considerando meus próprios interesses de pesquisa, considero como centrais as questões apresentadas ao longo dos capítulos seis, sete e na conclusão.

Ao longo do capítulo seis, reclusão e hematologia ganham a primeira cena. Vários elementos evocados nos capítulos anteriores, como a mitologia Ticuna, nos conduzem a uma trama em que cobras, homens e mulheres, humanos e não humanos, fluidos corporais e relações tecem os fios de uma experiência corporificada da noção e formação da pessoa. Inspirado em Houseman & Severi (1998), afirma o autor: “a Festa da Moça Nova deve ser encarada não como uma resposta a questões levantadas pela sociedade, mas sim como uma réplica condensada



Matarezio Filho, Edson Tosta. 2019. *A festa da moça nova: Ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna*. São Paulo: Humanitas/FAPESP. 464 p.

de tais questões” (: 325).

Com a afirmação de que “podemos resumir a Festa da Moça Nova, grosso modo, em uma mistura de danças, confecção de objetos – o que pode envolver a ação do pajé –, e intervenções no corpo da moça” (: 328), somos apresentados ao capítulo sete. Matarezio Filho faz uma apresentação bastante minuciosa dos preparativos, desdobramentos e desfecho da festa-ritual. Assim, por entre casa de festa, trocas, bebidas, danças, adornos, reclusão, cabelos arrancados e banho no rio, emerge um complexo rito de passagem, em que “destrói-se (...) a vida anterior do(a) neófito(a), este deve sair do ‘mundo da infância’ para entrar no ‘mundo da adolescência’” (: 399). Não seria a festa a reatualização das intuições de Seeger, DaMatta e Viveiros de Castro ([1979] 1987) acerca da centralidade do corpo e da pessoa nessas sociedades?

Ao longo da conclusão, o autor nos permite (dentre outras coisas) uma releitura das principais contribuições do ritual ao campo da antropologia (seja via Van Gennep, seja via Clastres), apontando seus possíveis limites quando contrastados à experiência Ticuna. Afinal,

como alguns autores têm demonstrado, tanto para os povos melanésios quanto para os ameríndios, as noções de indivíduo e sociedade não fazem muito sentido. Assim, pensar os rituais de iniciação como o momento em que a sociedade apresenta seus poderes coercitivos aos indivíduos faz menos sentido ainda (Strathern, 2006 [1998], p. 165). A ideia da ‘existência social’ como um ‘conjunto exteriorizado de normas, valores ou regras que precisam ser constantemente reforçados e mantidos contra realidades que constantemente parece subvertê-los’ [ibidem] se aproxima, como veremos, da noção clastreana da finalidade do sofrimento no ritual de passagem, contudo, contradiz o próprio modo como essas sociedades se pensam. A questão não está, como afirma Strathern, nas forças externas à pessoa. A não ser na medida em que elas vêm de domínios externos à humanidade, ‘forças não humanas’, pois as relações internas e externas – as mesmas que conformariam a própria ‘sociedade’ – à pessoa são a mesma coisa (Matarezio Filho, 2019: 425).

Pela riqueza de questões que apresenta, a obra torna-se leitura obrigatória, não apenas para etnólogos/as e/ou interessados no mundo Ticuna, mas para todos aqueles/as que buscam compreender noções como corpo, pessoa, gênero (dentre outros). O diálogo estabelecido pelo autor com uma densa literatura etnológica também é um convite para que possamos contrastá-lo à luz de outras perspectivas teóricas e/ou outros campos.

A partir disso é possível dizer que o trabalho realizado pelo au-

tor nos ajuda a (re)pensar uma série de temas do campo antropológico e contrastá-lo à luz de sua brilhante etnografia. É o que penso a partir da discussão sobre corpo. Se, como afirmava Marcel Mauss (2003), o corpo é o lócus por excelência no qual incide a cultura (apontando, dessa forma, para certa passividade do mesmo), a Festa da Moça Nova, ao contrário, é um “ícone” cuja imagética simbólica fala de uma inseparabilidade entre natureza e cultura, indivíduo e sociedade, interno e externo (como reconhece o próprio autor), da elaboração entre semelhança e diferença. Mas não apenas isso – os preparativos, os desdobramentos e o desfecho da Festa, bem como todos os elementos que a compõem, revelam (e falam de) uma corporificação da experiência (Csordas, 1990, 1999).

Entre fluidos, adornos, comidas, bebidas, relações, humanos e não humanos, gênero e gerações, o corpo adquire não apenas uma dimensão constitutiva, mas também constituinte (Csordas, 1999). Em outros termos, o corpo produzido na Festa se apresenta “não apenas como objeto da cultura, mas como também dotado de agência própria, não apenas como receptáculo de símbolos culturais, mas como produtor de sentido” (Maluf, 2002: 92). À luz desses pressupostos, a etnografia de Matarezio Filho representa uma contribuição importante e atual à discussão do corpo ao trazer para o primeiro plano a lógica cultural Ticuna, seus enredos, seus jogos.

Por fim, ao evidenciar a impossibilidade de uma noção ontologizada e/ou dualista do corpo, sua dimensão coletiva-compartilhada, os tabus e interditos que o atravessam, a constituição e expressão dos sentimentos que o enredam, os sons (e também silêncios) e narrativas que o encenam, também reitera a capacidade criativa das sociedades indígenas de se (re)significarem face ao processos sócio-históricos de questionamento de sua identidade cultural e de sua dinamicidade. Ao olhar para “eles” (no caso de Matarezio Filho, *com* eles), podemos pensar “um cadinho mais” sobre nós mesmos e sobre os limites dos nossos corpos “unos” e “singulares”. Certamente os Ticuna, ao relerem a máxima shakespeariana, diriam “Há mais [corpos] entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia”.

Referências

- Csordas, Thomas. 1990. "Embodiment as a paradigm for Anthropology". *Ethos* v. 18, n. 1: 5-47.
- Csordas, Thomas. 1999. "The Body's Career in Anthropology". In: Moore, Henrietta. *Anthropological theory today*. London: Polity Press, 172-205.
- Maluf, Sônia W. 2002. "Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas". *Esboços* v. 9: 87-101.
- Mauss, Marcel. 2003. "As técnicas do corpo". In: Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 399-422.
- Seeger, Antony; DaMatta, Roberto; Viveiros de Castro, Eduardo. [1979] 1987 "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras". In: Oliveira Filho, J. Pacheco de (ed.). *Sociedades indígenas & indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/Editora Marco Zero, 02-19.
- Wagner, Roy. 2012. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naif.